

O Instituto Biológico e seu Acervo Documental

The Biological Institute and its collections

Márcia Maria Rebouças¹
Simone Bacilieri¹
Silvana D'Agostini¹
Nayte Vitiello¹
Luana Santamaría Basso²
Érika Barbosa²
Juliana Sganzerla Pereira²

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo divulgar o acervo existente no Centro de Memória do Instituto Biológico, datado do final do século XIX, soma 340.000 documentos diversos (180.000 documentos textuais de cientistas desde o início do século XX, 60.000 fotografias e 70.000 slides em vidro e 3.000 documentos sobre arquitetura), documentos fundamentais para o estudo da cultura científica no Brasil e no exterior, demonstrando as ações de cientistas no correr da história. Destaca as coleções de Artur Neiva, José Reis e Henrique da Rocha Lima.

Palavras-chave: Centro de Memória, História da Ciência, Documentos, Instituto Biológico, Coleções.

Abstract: *This work shows the whole documentary belongings regarding to science's history stored at "Centro de Memória do Instituto Biológico" (Memory's Center of Biological Institute). The collection consists of documents from IXX Century, continuing on XX and updating at XXI Century. Combining 340,000 (three hundred forty thousand) documents, this package establish the scientific Brazilian culture here and abroad, through the scientist's actions in the course of history.*

Key words: *Memorial center, Science's history, Documents, Biological Institute, Collections.*

¹ Instituto Biológico, Centro de Comunicação e Transferência do Conhecimento, Museu/Centro de Memória do Instituto Biológico. Av. Cons. Rodrigues Alves, 1252. CEP 04014-002

² Bolsistas PIBIC/CNPq/IB – rebouças@biologico.sp.gov.br; sbacilieri@biologico.sp.gov.br; dagostini@biologico.sp.gov.br; vitiello@biologico.sp.gov.br

Introdução

O Instituto Biológico de Defesa Agrícola e Animal de São Paulo foi criado em 26 de dezembro de 1927 (Lei nº 2.243), passando a denominar-se Instituto Biológico em 1937. Sua origem remonta à crise fitossanitária representada pela broca do café, praga que acometeu os cafezais paulistas e que levou à constituição, pelo governo paulista, em 1924, de uma comissão científica voltada para combatê-la. Chefiada pelo médico baiano Arthur Neiva, a comissão baseou sua campanha em amplo trabalho de divulgação científica e extenso aparato de fiscalização e controle, ao qual praticamente toda a produção cafeeira foi submetida.

Inicialmente criada como órgão provisório, a comissão assumiu caráter permanente a partir de 1924. A cronicidade assumida pela broca, associada à sua difusão pelos cafezais do interior paulista, confirmando as assertivas de Arthur Neiva, fizeram que a atuação da comissão, principalmente na área de divulgação científica, se tornasse cada vez mais proeminente.

A população rural deveria ter o conhecimento devido sobre a praga para que medidas preventivas fossem tomadas. Mais de 1.300 fazendas com um total de 50 milhões de pés de café foram agraciados com programas específicos para o combate à praga. Mais de 5 mil câmaras de expurgo foram montadas para o tratamento dos grãos. Cartilhas como “História de um bichinho malvado” escrito por Rodolpho von Ihering foram distribuídas nas fazendas. Um filme executado pela Independência – Omnia Film com o propósito de esclarecer os fazendeiros e seus empregados sobre o perigo da broca nos cafezais paulistas, era distribuído oficialmente por todo o Estado de São Paulo. Esse filme contou com a colaboração de Alberto Federman que nasceu em Lerna, Piemonte, Itália, vindo para o Brasil em 1914 e, como fotógrafo amador, contribuiu intensamente com a comissão. O filme era apresentado por todo o Estado e fazendeiros chegavam a lotar os trens para que seus empregados fossem assistir ao filme sobre a broca na cidade que possuísse uma sala de projeções. A comissão obteve tanto sucesso que o cientista K. Escherich expressou-se da seguinte forma: “Não conheço outro exemplo de, em tão curto prazo, se haver realizado tanto trabalho científico e prático”.

No final de 1926, a comissão encerra as atividades e Arthur Neiva apresenta amplo relatório com 30 capítulos e 38 estampas demonstrando o trabalho realizado pela Comissão e seus colaboradores. Em 20 de dezembro de 1926, o então Presidente de São Paulo Carlos de Campos envia à Assembléia dos Deputados o projeto de criação do Instituto Biológico e de Defesa Agrícola.

Em 1927, Júlio Prestes assumiu o governo de São Paulo, com Fernando Costa na pasta da agricultura. Ambos eram receptivos à implantação de um Instituto Biológico, voltado para a defesa da agricultura e sanitária animal, estendendo o raio de ação da instituição à pecuária, ramo para o qual se direcionava cada vez mais o capital de cafeicultores preocupados em diversificar sua pauta de investimentos.

O Instituto se inseriu num programa mais amplo de reformas entetado por Júlio Prestes na estrutura administrativa da agricultura. Em termos gerais, as medidas tomadas visaram promover a modernização e a diversificação agrícolas, a fim de atender às crescentes demandas do mercado interno e de fazer frente aos problemas econômicos postos pelo exclusivismo da monocultura cafeeira. O Instituto Biológico teria como atribuições o estudo das questões concernentes à defesa agrícola e animal; o estudo e análise de produtos químicos (fungicidas, inseticidas, parasiticidas); a orientação dos produtores no combate às epifitias e epizootias; a preparação de soros e vacinas e outros produtos para diagnóstico, profilaxia e tratamento das doenças veterinárias; a divulgação dos estudos realizados; o intercâmbio com outros centros de pesquisa agrícola nacionais e estrangeiros e, por fim, a implementação de cursos práticos sobre as pesquisas desenvolvidas para leigos e especialistas (Ribeiro, 1997).

A direção do novo instituto foi entregue a Arthur Neiva, seu idealizador (Figura 1). Duas grandes divisões marcariam suas frentes de atuação: a Divisão de Defesa Vegetal e a Divisão de Defesa Animal (composta pelas seções de bacteriologia, fisiologia, anatomia patológica e entomologia e parasitologia animal). Arthur Neiva afastou-se da direção do Instituto em 1930, para assumir o cargo de secretário do interior de São Paulo. Ele deixou definitivamente de comandar a instituição em 1932, em razão de complicações políticas no conturbado cenário da revolução constitucionalista.



Figura 1 – Arthur Neiva
Fonte: Centro de Memória IB

Em janeiro de 1933, Henrique da Rocha Lima assumiu a direção, reforçando o vínculo entre os Institutos, Biológico e Manguinhos, que marcariam a instituição pelos anos seguintes. (Figura 2)

A gestão de Rocha Lima foi acompanhada de intensificação das atividades do Instituto, num contexto diferente na agricultura paulista, no qual o padrão de desenvolvimento industrial passou a orientar a modernização do campo. Grande ênfase foi dada à pesquisa e produção de imunobiológicos, como a vacina anticarbunculosa, a maleína, o soro hemolítico para diagnóstico das salmoneloses, vacinas contra a boubá das galinhas,

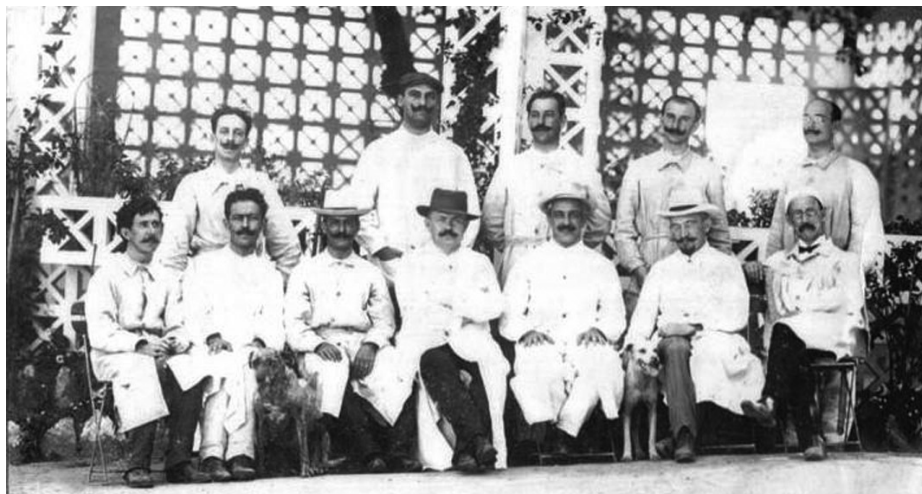


Figura 2 – Precursores da pesquisa no Brasil, 1910. Sentados da esquerda para direita: Godoy, Gomes Faria, Cardoso Fontes, Giemsa, Oswaldo Cruz, Prowazek e Adolpho Lutz. Em pé, da esquerda para direita: Carlos Chagas, Rocha Lima, Figueiredo Vasconcelos, Henrique Aragão e Arthur Neiva.

Fonte: Centro de Memória IB

o garrotinho dos eqüinos e a tristeza bovina. Novos produtos químicos foram estudados para o combate a pragas da agricultura.

A crise econômica de 1929, provocada pela queda da bolsa de Nova York, trouxe sérias conseqüências para a cafeicultura paulista, que paulatinamente cedeu espaço a novas culturas, como a laranja. Para aproveitar a infra-estrutura implementada pelo café, houve expansão dessas culturas alternativas. Em 1934, no governo de Armando de Salles Oliveira, foi feita uma reforma no organograma do Instituto Biológico, com a criação das seções de Fisiologia Vegetal, Epifitias, Vigilância Sanitária Vegetal, Soro-logia, Epizootias e Ornitopatologia. A defesa sanitária animal, atribuição da Diretoria de Indústria Animal do Ministério da Agricultura, passou a ser exclusivamente da alçada do Biológico (Figura 3).

A pauta de produtos desenvolvidos pelo Instituto ampliou-se consideravelmente. O ataque da broca na região cafeeira do extremo Oeste fez que o controle biológico ganhasse novo alento, com o envio de novas missões a Uganda para importação da vespa. Por sua vez, o desenvolvimento da cultura algodoeira assistido nos anos 30 fez que estudos sobre as pragas e doenças daquela planta ganhassem destaque.

O Biológico acompanhou *pari passu* o incremento da pecuária paulista, largamente impulsionada no pós-Primeira Guerra Mundial com



Figura 3 – Reunião no Instituto Biológico, localizado na R. Marques de Itu. Primeiro plano: Rocha Lima, à sua esquerda Clemente Pereira, Otto Bier, Zeferino Vaz. À direita de Henrique da Rocha Lima, Juvenal Ricardo Mayer, Adolpho Martins Penha, Paulo da Cunha Nóbrega.

Fonte: Centro de Memória IB

a instalação de companhias frigoríficas. Os estudos sobre a avicultura, que contaram com o empenho de José Reis, constituíram uma das principais frentes de inovação do Instituto, ao lado de conquistas como a fabricação da vacina cristal violeta, contra a peste suína; a preparação da tuberculina para diagnóstico da tuberculose bovina, os estudos sobre a brucelose e a caracterização de doenças como a leprose da laranja, por Agésilau Bitancourt.

Em 1942, o Instituto Biológico passou por nova reorganização, na vigência da gestão de Paulo de Lima Corrêa na Secretaria de Agricultura, na interventoria Fernando Costa (1941-1945). Através dessa reforma criou-se uma terceira divisão – a Divisão de Biologia –, dedicada ao cultivo das ciências básicas e composta de nove seções: Parasitologia Vegetal, Parasitologia Animal, Bacteriologia, Vírus, Fisiologia Vegetal, Fisiologia Animal, Imunologia, Bioquímica e Farmacodinâmica e Higiene Comparada.

No pós-guerra, o Biológico passou a acompanhar o novo perfil de atividade agrícola conferido pelo padrão industrial. Máquinas e implementos agrícolas e o desenvolvimento de novos produtos químicos, como defensivos, adubos e fertilizantes, orientaram a agricultura, subordinada à ordem industrial. O controle das pragas passou a privilegiar o método químico, com a criação de novos pesticidas. Das diversas campanhas feitas pelo Biológico na década de 1940, destacam-se novamente a broca do café, a saúva, a tristeza dos citros, a peste suína e a febre aftosa. Contra a broca do café, empregou-se o BHC aplicado através da pulverização ou polvilhamento. Em 1948, a aviadora brasileira Ada Rogato seria pioneira no emprego do avião em combate a uma praga agrícola, utilizando-o para a dispersão do inseticida entre os cafezais do noroeste paulista. Contra as pragas do algodoeiro utilizou-se também o BHC e o DDT, inseticida residual desenvolvido no pós-guerra, que apresentaria grande potencial de ação. Inseticidas arsenicais como o verde-paris também surgiram como alternativas no combate a pragas da lavoura. Em 1948, os cientistas do Biológico isolaram a bradicinina, anti-histamínico presente no plasma sanguíneo quando do envenenamento por jararacas.

Os anos 50 e 60 assistiram ao aceleração da industrialização do campo, cujo efeito colateral mais imediato foi o êxodo rural no interior paulista. Naquelas décadas, o Biológico ficaria sem a batuta de Rocha

Lima, aposentado em 1949. Agesilau Antonio Bitancourt assumiria a direção, cuja marca foram os cursos de especialização oferecidos para agrônomos e veterinários recém-formados. A preocupação com as questões ambientais fez que cientistas do Biológico se voltassem para estudos sobre os resíduos de pesticidas. Nesse período, foi identificada no Instituto a doença de Newcastle.

A partir de 1970 o IB-Instituto Biológico passou por várias reformas em sua organização. A mais recente aconteceu em 2002, quando da reorganização da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (APTA), órgão que coordena os institutos de pesquisa da Secretaria de Agricultura e Abastecimento (SAA). Várias unidades no interior do Estado de São Paulo deixaram de fazer parte do Instituto Biológico e se aglutinaram em Pólos Regionais unindo-se às diversas instituições da Secretaria da Agricultura.

Com um grande número de programas de pesquisa, muito deles em parceria com entidades nacionais e internacionais, o IB atende ao setor produtivo em suas diversas áreas de atuação. Participa em campanhas sanitárias contra a febre aftosa, raiva, tuberculose, brucelose, cancro cítrico e clorose variegada do citros.

O Instituto Biológico conta com uma equipe multidisciplinar de excelência com várias formas de capacitação. O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) credenciou diversos laboratórios de Sanidade Vegetal (Bacteriologia, Fitovirologia e Fisiopatologia, Micologia, Nematologia, Entomologia, Entomologia Econômica, Controle Biológico, Ciência das Plantas Daninhas), Sanidade Animal (Doenças de Suínos, Viroses de Bovídeos, Doenças Bacterianas da Reprodução) e Proteção Ambiental (Laboratório de Resíduos). Convém mencionar que esses laboratórios, diante de sua forte vocação em diagnóstico e atuação em políticas públicas, possuem habilitação fornecida pelo MAPA para participarem dos Programas de Saúde Animal, entre eles: Controle de Raiva dos Herbívoros e outras Encefalopatias, Controle e Erradicação da Brucelose e da Tuberculose, Erradicação da Febre Aftosa, Sanidade Suína e Sanidade Avícola.

As atividades de pesquisa são divididas entre o complexo de laboratórios da Sede pertencente aos Centros de Pesquisa e Desenvolvimento de Sanidade Animal, Vegetal e Proteção Ambiental, além de Museu com um Centro de Memória. No Município de Descalvado, o Centro Avançado de

Tecnologia do Agronegócio Avícola. Em Bastos, a Unidade de Pesquisa e Desenvolvimento. Em Campinas o Centro Experimental Central que, além de possuir vários laboratórios na área vegetal, mantém campos experimentais.

A divulgação das pesquisas institucionais e de outras instituições de pesquisa quer do Estado de São Paulo e de outros estados da União, quer do exterior, encontra nas revistas institucionais um espaço para o conhecimento científico.

Patrimônio Arquitetônico

A sede do Instituto Biológico começou a ser construída em 1928 em uma área de aproximadamente 239.000 m². Era uma área pouco valorizada, conhecida como “Campo do Barreto” e que mais tarde, na década de 1950, teve parte tomada pelo governo do Estado para a construção do Parque do Ibirapuera. Era uma várzea cheia de pássaros e todo esse conjunto era chamado de Invernada dos Bombeiros, cortado pelo Córrego do Sapateiro. Essa área é hoje definida pela Av. Ibirapuera, Av. Brasil e Conselheiro Rodrigues Alves. O terreno para a construção do Instituto Biológico foi permutado por um terreno de propriedade municipal (Parque Fernando Costa), situado à Av. Água Branca, esquina da rua Sarapuhy, hoje Rua Ministro Godoy, distrito de Perdizes. Assim, foi autorizada a permuta:

Fica a Secretaria da Fazenda e do Tesouro do Estado autorizada a fazer a permuta de quinhentos e cinqüenta 1.000 m quadrados de terreno pertencente ao patrimônio do Estado contidos na área da Invernada do Corpo de Bombeiros (Invernada dos Bombeiros), no distrito de Villa Mariana, no município e comarca da Capital, com 124.000 m², pertencente à Municipalidade da Capital, contidos na área dos que constituem a Escola e Bromologia, à Av. Água Branca, distrito da Lapa, também no município e comarca da Capital.

Palácio do Estado de São Paulo, em 20 de janeiro de 1928.

Julio Prestes de Albuquerque.

Foi iniciada a construção do prédio sede, localizado à Av. Conselheiro Rodrigues Alves, 1252 - São Paulo – Capital, que demorou 17

anos para ser concluído, sendo inaugurado em 25 de janeiro de 1945 com a presença de Fernando Costa. Grande parte do terreno que hoje abriga o Parque do Ibirapuera fazia parte do IB, para esse local bovinos, suínos, aves etc. eram trazidos pelos criadores para que os pesquisadores do Instituto detectassem as doenças que acometiam seus animais. E mais, culturas eram plantadas para que os pesquisadores estudassem as suas doenças para poderem passar para os agricultores o que poderia ser feito para melhorar suas plantações.

Henrique da Rocha Lima (1879/1966), que assumiu em 1933 o cargo de Diretor Superintendente do Instituto Biológico, lutou bravamente pelo término da obra, como conta em vários artigos publicados na revista “O Biológico”.

Em novembro de 1930 o Instituto Biológico “abrigou 800 soldados e respectiva cavalaria”, 5º Batalhão de engenharia. Esses homens dormiam no edifício em construção. O primeiro andar era utilizado para o preparo de alimentos. O IB, com várias tentativas da retirada do batalhão, conseguiu esse intento em dezembro de 1930.

Em 1932, São Paulo lutava contra as forças do governo, o Instituto ainda em construção, teve seu prédio utilizado como acampamento dos soldados gaúchos. Em 1937, temendo que o prédio fosse ocupado por Getúlio Vargas, haja vista que durante a revolução de 1930 também os soldados fizeram deste espaço seu território, Henrique da Rocha Lima e alguns de seus discípulos deslocaram-se rapidamente de seus laboratórios nas casas alugadas e ajustaram-se aos meios que podiam, tomando posse do prédio ainda em construção.

Com o aparecimento da encefalite epizootica foi resolvida a instalação, em 1938, dos laboratórios de Veterinária no edifício central: Anatomia Patológica, Fisiologia, Zoologia, Química, Entomologia, as seções de Expediente, Contabilidade, Tesouraria, Vigilância Animal e Vegetal, Fotografia e Depósito de Inseticidas foram transferidos do prédio da Av. Brigadeiro Luiz Antônio e grande parte das instalações da Rua Marques de Itú. Somente a Biblioteca continuou nesse prédio, pois a falta de estantes no Instituto Biológico prejudicava esse fato. Os laboratórios da Rua Pires do Rio não tardaram a se deslocarem também para o IB.

A luta pelo término da construção do prédio, símbolo de um grande combate que atravessou as revoluções de 1930 e 1932 e ao golpe de 1937,

resultou na indissociável imagem do Instituto e sua sede, utilizada até hoje nos papéis timbrados que emite (Figura 4).

O edifício principal, projetado pelo arquiteto Mário Whately, destaca-se pelo estilo “art déco”, movimento adquirido por meio da concepção artística européia na década de 30. Esse mesmo estilo foi utilizado em outros projetos arquitetônicos importantes na cidade de São Paulo, como a Biblioteca “Mário de Andrade”, Viaduto do Chá, ambos no centro. De presença marcante no cenário arquitetônico da São Paulo dos anos 30, o Instituto Biológico ressalta-se de forma monumental, permitindo incluí-lo entre os exemplares mais importantes da primeira modernidade na arquitetura paulistana. Em 1939, Dácio A. de Moraes Junior assumiu a obra.

O material utilizado para a construção do prédio foi dos mais requintados. Em 1928, a Sociedade Anônima Fábrica Votorantim já era um de nossos parceiros. O mármore “Lioz” – importado, português, reveste as paredes e os pisos dos saguões de todos os andares; a argamassa teve sua receita assim determinada: arenito vermelho, cal, cimento branco “Medusa” e mica. Assim, o prédio sede, o biotério central, os prédios do



Figura 4 – Fachada do Instituto Biológico

Fonte: Centro de Memória IB

Laboratório de Bioquímica Fitopatológica e dos vários laboratórios da área animal (esses últimos eram cocheiras no passado), a carpintaria e parte da garagem foram cobertas com esse tipo de argamassa; os lavatórios e bacias dos sanitários eram de porcelana esmaltada “Standart” tipo Novesia, importadas dos Estados Unidos (foram trocadas em 1978); pisos dos banheiros e do corredor do 1º andar (ainda preservados) eram ladrilhos de grés cerâmico, cor cinza de forma hexagonal de fabricação da Companhia Cerâmica Brasileira (os pisos dos banheiros foram trocados em 1978); os caixilhos das janelas, em ferro fundido, foram confeccionados pela Escola de Artes e Ofícios do Estado; os pisos dos corredores e de algumas salas são de Ipê, colocados sobre argamassa mista; o piso nos laboratórios era de linóleo americano, de cor verde escura, combinando com as paredes que eram do mesmo tom (hoje ainda são vistos alguns laboratórios com esse tipo de piso); a balaustrada externa de granito vermelho de Itú, SP; as portas com batentes de Cabreúva, SP; nos corredores, no alto das paredes, tinha-se relógios “Siemens”; os vitrais em ladrilhos de vidro importados tipo “Nevada” (foram trocados em 2002 por estarem, na maioria, rachados e quebrados); o anfiteatro “Rocha Lima” tem estrutura de peroba; o revestimento do terraço possuía uma camada de isolante térmico de “Spachonit”, uma camada de feltro betuminoso, chapas de cobre com juntas dobradas, uma segunda camada de “Mespphalt” e uma 2ª camada de feltro betuminoso, lajes com juntas de asfalto; as calçadas com placas de arenito rosa colocadas com argamassa de cimento, cal e areia sobre base de concreto, foram também trocados, por motivo de infiltrações em 1978.

A necessidade de ampliação de seus campos experimentais levou o Instituto Biológico, por meio da Fazenda do Estado de São Paulo, a adquirir, em 1937, a Fazenda “Matto Dentro”, símbolo da interiorização das pesquisas, com 112,5 alqueires, localizada no distrito de Paz da Conceição, Município de Campinas. Da senzala aos laboratórios de hoje, a Fazenda “Matto Dentro” testemunhou os tempos áureos dos ciclos da cana-de-açúcar e do café, passando pela revolução verde e o desenvolvimento científico gerado em seus espaços pelo Instituto Biológico e que rapidamente espalhou-se pelo Estado.

Como exemplar representativo da arquitetura rural do início do século XIX, em maio de 1982, a sede da antiga Fazenda foi tombada pelo Condephaat como monumento de interesse histórico-arquitetônico.

O Decreto Estadual nº 27.071, de 1987, determinou que a área ocupada pela Fazenda Experimental Matto Dentro do Instituto Biológico passasse a constituir o Parque Ecológico “Monsenhor Emílio José Salim”. Os laboratórios foram mantidos em uma área de aproximadamente 60 alqueires onde são desenvolvidas pesquisas e fornecidos serviços voltados para a sanidade vegetal das principais culturas de importância econômica. Atualmente esses laboratórios estão vinculados ao Centro Experimental Central do Instituto Biológico (CEIB), unidade criada na mais recente reforma organizacional ocorrida em 2002.

A comunidade de Vila Mariana se faz presente no Instituto Biológico. Em 20 de março de 2002, por força da comunidade de Vila Mariana, foi tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT) como bem cultural de interesse histórico, arquitetônico e urbanístico, o Conjunto Arquitetônico do Instituto Biológico. O tombamento, cujo processo iniciou em 1995, abrange uma área de 122 mil metros quadrados e envolve onze edifícios - incluindo a sede. O CONDEPHAAT incluiu no processo as ruas internas e os 1.500 pés de café que servem para as pesquisas do Instituto.

Patrimônio Documental

O Instituto Biológico foi o primeiro centro de debate científico e formação de cientistas no Estado de São Paulo. Nele foram criadas a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e a Sociedade Brasileira de Entomologia.

Da descoberta da bradiginina à produção de vacinas como as que combatem a doença de Newcastle, a febre aftosa e a peste suína, a história do IB é uma seqüência de importantes contribuições à sociedade. Além de seu papel nas campanhas sanitárias de defesa animal (contra a febre aftosa e a raiva, por exemplo), o IB foi fundamental na identificação e no combate à broca do café, quando introduziu no país o controle biológico por meio da vespinha de Uganda. Teve também papel central no combate às pragas do algodão (lagarta rosada, broca do algodoeiro) e no controle da leprose dos citros, da verrugose da laranja doce, da mancha parda, da sorose, da podridão do pé e da tristeza dos citros.

Coube-lhe também iniciar no país o combate a pragas de vegetais por pulverização aérea, feita por uma funcionária do Instituto, Ada Rogato. Ressalta-se aqui: ela foi a primeira aviadora brasileira que, além de praticar acrobacias foi pioneira na aviação agrícola, pilotando o avião paulistinha que Rocha Lima nominou Gafanhoto por ter sido utilizado em campanhas contra as chamadas nuvens de gafanhoto.

O Instituto Biológico tem como missão desenvolver e transferir conhecimento científico e tecnológico para o negócio agrícola nas áreas de sanidade animal e vegetal, visando a melhoria da qualidade de vida da população e de suas relações com o meio ambiente.

Seu grande desafio como instituição, hoje, é aliar um histórico de contribuições a um presente que exige excelência e prontidão de respostas a uma sociedade em profunda transformação, com alteração no perfil do controle das pragas e doenças, com interferência de fatores relacionados ao modelo de desenvolvimento econômico, às alterações ambientais, às migrações e ao intercâmbio internacional.

O acervo documental do Instituto Biológico possui mais de 340.000 documentos referentes à história institucional e à cultura científica do Estado de São Paulo, do Brasil e exterior. Esses documentos datam do final do século XIX, chegando até os dias atuais. Guardados durante anos, alguns desses documentos, pertencem a coleções de antigos pesquisadores, foram produzidos antes da criação do Instituto Biológico (IB).

Em 1961 foi identificadas as importâncias do acervo documental do IB, quando então os documentos remanescentes foram agrupados e alocados em salas sem as condições recomendadas para esse fim. A partir de 1992, foi iniciado um trabalho de seleção, pois estavam empilhados e misturados, necessitando de uma limpeza, leitura e organização por autoria. Em 2002, foi enviada uma carta a todos os funcionários do Instituto Biológico para que não descartassem os documentos que por ventura estivessem em seus laboratórios. Uma grande quantidade de documentos foi somada aos já existentes e todos foram submetidos a uma prévia análise para a identificação de sua importância.

A partir desse momento foi iniciada nova etapa de organização, seleção e descarte. Os documentos de Arthur Neiva, de Henrique da Rocha Lima, de José Reis já haviam sido separados e foram colocados em sala mais apropriada para que não houvesse perda. Desses pesquisadores

identificou-se 20.000 documentos, sendo 10.000 de Rocha Lima, 7.000 de José Reis e 3.000 de Arthur Neiva. (Figuras 5 e 6)

O diagnóstico e a conservação dos documentos e sua disponibilização para pesquisa implicou em uma série de atividades, visando a sua integridade histórica e física e a divulgação.

Para o atendimento da demanda da divulgação do conhecimento, o IB publica o periódico “Arquivos do Instituto Biológico” (impresso e *on line*) que tem como conteúdo artigos originais de pesquisa científica em sanidade animal e vegetal voltados ao agronegócio e suas implicações no agroambiente, incluindo nesse escopo a qualidade e a segurança alimentar. Aceita, também, artigos sobre pragas sinantrópicas. O periódico “O Biológico” (impresso e *on line*) que apresenta trabalhos nas mesmas áreas apontadas para a revista Arquivos, mas na forma de divulgação científica (Figuras 7 e 8).

Essas revistas publicam, além dos artigos dos pesquisadores do Instituto Biológico, trabalhos de pesquisadores de instituições de pesquisa e ensino de todo o território brasileiro e “Páginas do Instituto Biológico” (*on line*) que tem, como conteúdo, as ciências biológicas, agrárias e ambientais em curadoria, museologia, educação em museus e história das ciências. Os Boletins Técnicos (impressos) são publicações que contêm recomendações e/ou informações baseadas em resultados experimentais ou em observações, realizados por pesquisadores do IB.

Realiza também eventos nacionais como as Reuniões Anuais do Instituto Biológico – RAIB, que reúne especialistas de instituições de pesquisa e ensino e da iniciativa privada de todo o território brasileiro; o Congresso de Iniciação Científica em Ciências Agrárias, Biológicas e Ambientais – CICAM, evento que une os estudantes universitários, promovendo a Iniciação Científica desses estudantes; a Reunião Itinerante de Fitossanidade do Instituto Biológico – RIFIB que estabelece um elo com a atividade rural e, ainda, inclui a comunidade que o cerca estabelecendo ações que divulgam o conteúdo pragmático de suas realizações.

O Museu apresenta em vitrines suas atividades de pesquisa no Museu do Instituto Biológico. Temas de interesse da comunidade estão dispostos com uma textura simples para o perfeito entendimento das atividades na instituição.

O Centro de Memória (Figura 9) vinculado ao Museu do Instituto Biológico, possui acervo com cerca de 340.000 documentos relacionados

N. _____
Estado do Titular da Inscrição

TÍTULO DE ELEITOR

4.ª zona ESTADO DE SÃO PAULO Capital
Domicílio eleitoral Jaraguá - América
Número de ordem da inscrição 1779
Data da inscrição no cartório 17-5-1933

NOME E SOBRENOME DO ELEITOR (ou extinto) Henrique da Rocha Lima
Filiação Henrique Carlos da Rocha Lima
Naturalidade Brasília Federal
Idade 53 anos - Data do nascimento 24 de Novembro de 1879

Qualitativos
Estado civil Desquitado
Profissão Sub-director do Inst. Biológico

Henrique da Rocha Lima
ASSINATURA DO ELEITOR

Henrique da Rocha Lima
ASSINATURA DO SECRETÁRIO

O presente título é expedido de acordo com o Código Eleitoral da República e em cumprimento ao despacho do Presidente do Tribunal Regional de Justiça Eleitoral do Estado de São Paulo e recebe o número 1779 em conformidade com as disposições do mês de fevereiro de 1933.

Cartão

Formularios

Pollegar direito

Formularios






Figura 5 – Título de eleitor de Rocha Lima
Fonte: Centro de Memória IB

11 2412

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
ESTADO DE SÃO PAULO

O SENHOR AGUIRRE FERNANDEZ DE SOUSA OCE TA, INTERVENIENTE FEDERAL NO ESTADO DE SÃO PAULO, DO BIC DE SUAS ATRIBUIÇÕES E DE ACORDO COM O § 1º DO ARTIGO 17, DO DECRETO-LEI Nº 12.468, DE 7 (SETE) DO CORRENTE, RESOLVE NOMENAR O SENHOR HENRIQUE DA ROCHA LIMA, INTERVENIENTE BASTANTEMENTE EFETIVO, DO INSTITUTO BIOLÓGICO, DA SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA AGRICULTURA, PASTORAL E DO MÉRITO PARA, A CONTAR DE 1º DE JANEIRO DE 1942, EXERCER O CARGO DE SUPERINTENDENTE DO DEPARTAMENTO DE DEFESA SANITÁRIA DA AGRICULTURA, NA MESMA SECRETARIA, NO ROL DE TÍTULOS FEDERAL, COM OS REQUISITOS MENSURAIS DE 1,500000 (UMA PRO OCELOS E QUINZE CENTOS MIL RÉIS). PALÁCIO DO GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, AOS 8 DE JANEIRO DE 1942. - a) FERNANDEZ OCE TA. - a) PAULO DE LIMA CORREIA. - POR DECRETO. ESTE DIA. - a) JOSÉ DE PRATA CASTRO, DIRECTOR GERAL. - ATOS 102.431.

CONFERE, com fls. 1 e verso, do Livro de Registros de Nomeações, Nº 2, iniciado em 06 Janeiro de 1942.

Henrique da Rocha Lima
Laço Simples
Escriturário Público Nº

VISTO
Henrique da Rocha Lima
Diretor Geral
do Instituto Biológico

Figura 6 – Nomeação de Rocha Lima no IB
Fonte: Centro de Memória IB



Figura 7 – Fotografia de equino com osteodistrofia fibrosa
Fonte: Centro de Memória IB



Figura 8 – Victoria Rossetti, inauguração do Museu de Fitopatologia, 1959

Fonte: Centro de Memória IB



Figura 9 – Museu do Instituto Biológico/Centro de Memória, 2008

Fonte: Centro de Memória IB

à História das Ciências no Instituto Biológico e em instituições de pesquisa e ensino, quer do Brasil quer do exterior. Datam do final do século XIX, permeiam o século XX e é fato também no século XXI.

Coleções especializadas: helmintológica (área animal), bacteriológica, micoteca, herbário, entomológica e de microrganismos entomopatogênicos (área vegetal) são frequentemente consultadas por pesquisadores do país e do exterior. Possui também um fundo de documentos da História da Ciência do nosso país e do exterior.

A preservação da Memória está na agenda do IB. Graças ao apoio do Dr. Antonio Batista Filho, Diretor Geral da instituição, foram destinados local e estruturas necessárias para o desenvolvimento do trabalho, como sala de fundos de arquivos com estantes; sala de consulta; laboratório de processamento técnico para a execução da parte prática do projeto; laboratório de higienização; sala para o recebimento de documentos a serem processados a fim de adequá-los para serem inseridos no acervo. Todo esse processo contou com o apoio do Governo do Estado de São Paulo e da FAPESP.

Três ícones da História da Ciência do Brasil

Com a aprovação de projeto junto à FAPESP, a dinâmica de trabalho do Centro de Memória voltou-se, sobretudo para os acervos de três pesquisadores do IB: Arthur Neiva, José Reis e Henrique da Rocha Lima.

Arthur Neiva (1880 – 1943) foi médico sanitarista nasceu em Salvador, BA, desenvolveu importantes trabalhos em história natural, etnografia e lingüística. Ainda estudante, trabalhou na Inspetoria de Profilaxia da Febre Amarela, participando da campanha de erradicação do mosquito transmissor da doença, promovida (1903) por Oswaldo Cruz, diretor-geral de Saúde Pública. Três anos depois, ingressou no Instituto de Manguinhos, onde realizou pesquisas de grande importância em entomologia, ramo da zoologia que estuda os insetos, aperfeiçoando-se nessa área nos Estados Unidos (1910). Do Instituto Oswaldo Cruz foi para a Argentina, onde ajudou no desenvolvimento de um departamento de biologia médica no Instituto Bacteriológico de Buenos Aires. Voltou ao Brasil (1918) e assumiu a direção dos serviços sanitários do Estado de São Paulo.

Foi um dos responsáveis pela criação do IB e um grande sanitarista e construtor dos alicerces da higiene, com a promulgação do Código Sanitário Rural de São Paulo, o primeiro do Brasil. Identificou uma nova espécie de anófeles transmissor da malária. Como entomologista descreveu várias espécies de anofelinos e culicídeos e, em alguns trabalhos, colaborou com César Pinto. Estudou os triatomídeos, transmissores da doença de Chagas, identificando o modo de transmissão desse agente. Dirigiu o Museu Nacional no Rio de Janeiro. Organizou as seções de zoologia e parasitologia no Instituto Bacteriológico em Buenos Aires. Identificou pela primeira vez a existência de tifo exantemático e da leishmaniose tegumentar americana no altiplano argentino e boliviano. Pertenceu à Academia Brasileira de Ciências, fundada em 3 de maio de 1916, na cidade do Rio de Janeiro; publicou vários trabalhos sobre triatomídeos, inclusive quatro espécies novas; participou da campanha da broca-do-café na Holanda, África Oriental e Quênia. Escreveu o esboço histórico sobre botânica e zoologia no Brasil em 1929 e, ao terminá-lo, expressa sua esperança no futuro do país:

“Quando o Brasil se dispuser a entregar à ciência a resolução dos seus problemas econômicos, de preferência ao modo atual de solucionar questões a golpes de leis e regulamentos inspirados pela grande máquina de andar devagar que é a burocracia nacional, então a nossa pátria dará ao mundo o exemplo de um progredir com celeridade sem precedentes, ao utilizar-se das riquezas e do infinito de possibilidades que em potencial existem no imenso território do Brasil.”

Neiva buscou o melhor para a instituição que aparecia no contexto científico. Rocha Lima, que o substituiu no IB, assim se referiu a Neiva

“notável aptidão para o manejo das forças que movem a nossa política administrativa e ao intenso brilho intelectual... e à notável vastidão de conhecimento”. Em outra ocasião Rocha Lima lembra Neiva “na curta vida você foi para mim o catalizador que o destino lançou em meu caminho, entrei para Manguihos numa dessas encruzilhadas da existência”.

Até o momento foram catalogados 116 imagens e 431 documentos entre cartas relatórios e ofícios da Coleção Arthur Neiva.

Henrique da Rocha Lima (1879–1956) nasceu no Rio de Janeiro tornou-se famoso internacionalmente pela descoberta da causa do tifo epi-

dêmico (ou exantemático), uma doença transmitida pelo piolho do corpo que afligia combatentes e prisioneiros de guerra na Europa. O agente foi batizado de *Rickettsia prowazeki*, nome dado por ele em homenagem aos pesquisadores Howard Taylor Ricketts e Stanislas Von Prowazek, que morreram vítimas da moléstia, ao tentar estudá-la.

Com esta descoberta, Rocha Lima deu início a um novo capítulo nos livros de Microbiologia: o capítulo das Rickettsioses. Identificou lesão característica da febre amarela (lesão Rocha Lima), criando a mais sólida base para os estudos posteriores dessa moléstia; identificou a origem dos tumores denominados de verruga peruana, Febre de Carrion; identificou nas blastomicoses o cogumelo blastomiceto; estudou a evolução do tripanossoma causador da doença de Chagas; das doenças tropicais da pele. Condecorado com: Medalha de Benemerência do Papa Pio XI. Medalha Nocht, a mais alta distinção conferida pelo Instituto de Moléstias Tropicais de Hamburgo. Cruz de Ferro conferida pelo Imperador da Alemanha e Insignias de Honra da Cruz Vermelha Alemã, devolvidas por ele a Alemanha em 1938. Lutou bravamente para a construção do prédio do Instituto Biológico que, por 17 anos, teve cada tijolo assentado, observado por ele. Seu ideal foi concretizado em 1945. O mestre, que aglutinou no Instituto Biológico, nas reuniões científicas, cientistas do mais alto conhecer, doou de si todo o seu saber, deixando para a posteridade um caminho a ser seguido. Em 1966, no cinquentenário da descoberta da *Rickettsia* foi criada a Medalha “Rocha Lima”.

A Coleção Rocha Lima tem até o momento catalogados: 2.270 documentos iconográficos, 1.935 cartas em português, 905 cartas em alemão, 46 discursos, 172 relatórios, 69 documentos pessoais, 50 documentos sobre a broca do café, 204 documentos jornalísticos, 200 circulares.

José Reis (1907-2002) nasceu no Rio de Janeiro. Fez seus estudos secundários no Colégio Pedro II e em seguida cursou a Faculdade Nacional de Medicina, onde se formou em 1930. Nesse ano, mudou-se para São Paulo, contratado pelo Instituto Biológico. O trabalho de microbiologia que então desenvolveu levou-o a perceber a importância de ampliar seu campo de estudo e a olhar para o que faziam os cientistas de outras áreas. Esse interesse permitiu-lhe enveredar por outras atividades, vindo a ocupar o cargo de diretor-geral do Departamento do Serviço Público de São Paulo de 1942 a 1945, tornando-se professor de Administração da Uni-

versidade de São Paulo e da Universidade Mackenzie (1946-47), professor de Economia, redator científico do jornal *Folha de São Paulo*, diretor da revista *Ciência e Cultura*, autor de livros infanto-juvenis, novelas de rádio, livros e artigos científicos. Foi um divulgador científico reconhecido mundialmente.

Uma das maiores habilidades de José Reis era o escrever, a atividade de trocar em miúdos a informação científica para o grande público. Certa vez, José Reis cita em uma entrevista

o Prof. Otto Bier me perguntou se não era monótono e cansativo toda semana arranjar um assunto diferente e prepará-lo para divulgação. Creio haver mostrado que assim não ocorre porque essa tarefa envolve dois dos maiores prazeres desta vida: aprender e repartir.

José Reis foi laureado com diversos prêmios, como Prêmio “John R. Reitemeyer”, em 1964, concedido pela Sociedade Inter-americana de Imprensa e União Panamericana de Imprensa, no México; Prêmio “Kalinga”, em 1975, concedido pela Unesco e recebido na sede do CNPq e Prêmio “Instituto Biológico”, no próprio IB. Tem ainda nome dado em sua homenagem em Auditório no Instituto Biológico. Em sua homenagem também se criou o “Núcleo José Reis de Divulgação Científica”, na ECA/USP, que foi comandado pelo eminente pesquisador Prof. Crodowaldo Pavan (1919-2009), tendo como seus colaboradores os grandes admiradores do Prof. José Reis, os Prof. Glória Kreinz e Osmir J. Nunes. Ainda em 2001, no dia 12 de junho, quando José Reis completava 93 anos, fundou-se, por iniciativa do grupo do Núcleo JR, a Associação Brasileira de Divulgação Científica – ABRADIC, para homenageá-lo. Também, em 1978, o CNPq o homenageou com um prêmio em seu nome. Prêmio esse cujos vencedores contribuíram de forma ímpar na divulgação científica e tecnológica brasileira. Já a FAPESP, em 1999, criou o Programa José Reis de Incentivo ao Jornalismo Científico (Mídia Ciência).

A coleção José Reis possui cerca de 7.000 documentos textuais. Foram catalogados até o momento 1.329 textos de jornais e 205 cartas.

Além dos acervos de Arthur Neiva, José Reis e Rocha Lima, existe no Instituto Biológico, outros documentos de pesquisadores ligados às áreas de sanidade animal, sanidade vegetal, proteção ambiental e área afins. Foram separados, classificados e catalogados: A. F. Pestana de Castro,

Adalberto de Queiroz Telles, Adolfo Hempel, Agessilau Antonio Bitancourt, Adolpho Martins Penha, Alberto Federman, Alcimir M. H. Santiago, Alexandra Popaff Nogueira, Aluísio P. de Carvalho Alba, Amadeu A. Barbiellini, Amadeu Fialho, Anderson Coelho de Andrade, Antonio Batista Filho, Antônio Ciccarone, Antônio Lima G. Pereira, Antônio Torres, Arthur Abbondanza, Arthur Ferreira Cintra, Arthur Neiva, Benedito Bastos Cruz, Carlos Alberto Santa Rosa, Carlos Alberto Seixas, Carlos E. Pessenda, Carlos Maurício Duarte, Celso de Oliveira Rodrigues, Christine Rosinfild, Clarice Rolim, Clemente Pereira, Clotilde Cappelaro, Conradi A. Campacci, Cyriano de Freitas, Cyro Godoy, D. M. Cardoso, Dora Fell, E. A. Carlini, Edgar Sant'ana Normanho, Edgard Pereira Barreto, Edison Foledi, Ednei Conti Macedo, Eduardo Issa, Eduardo R. Figueiredo Jr., Edyl D. Pinheiro, Emanuel Dias, Eremita Castanheira Novaes, Erik Smith, F. C. Hoehne, Fausto Martins Rocha, Fernando Salas, Flávio Luiz Fenerich, Flávio Rodrigues Puga, Flavio Toledo Pizza, Geraldo Calcagnolo, Guanabara Paques, Guaracy R. Monteiro, H. S. Lepage, Henrique Aragão, Henrique F. G. Sauer, Henrique da Rocha Lima, Herman Lent, Iemgard Gatcke Longman, Isabela Christina Simoni, Ivan V. Rosa, Jair Correa Carvalho, João Gonçalves Carneiro, João Virgílio, Joaquim Ferraz do Amaral, Jorge Abrahão, José A. Gurgel, José de Barros Martins, José de Paiva Castro, José Maria Jorge Sebastião, José Olympio da Fonseca, José Paranhos Fontenelle, José Pinto da Fonseca, José Reis, Josete Garcia Bersano, Júlio Franco do Amaral, Júlio Rodrigues Neto, Juvenal Ricardo Meyer, Juvenal Mendes Godoy, Kaethe Schutartz, K. Silberschmidt, Leão Machado, Leila A. Gardiman Barci, Leônidas Camarinha Filho, Lilia M. P. C. de Camargo, Luigi Manfredini, Luiz Braz Siqueira do Amaral, Luiz Carlos Luchicni, Luiz Pustiglione Netto, Manuel Alberto Portugal da Silva Castro Portugal, Mara Mercedes Andréa, Marcelo de Toledo Pizza, Mário D'Apice, Maria Eglaci Motta das Dores, Maria Imaculada Feitosa, Maria L. M. Campos, Maria Mércia Barradas, Maria Pereira de Castro, Mário Autuori, Mário Barreto Figueiredo, Mário Meneghini, Marly Vicente, Maurício Oscar Rocha e Silva, Moaci Ribeiro, Moacir Rossi Nilson, Néilton Labigalini, Oliveira Filho, Olympio da Fonseca, Oswaldo Campedelli, Oswaldo Giannotti, Otto Bier, Palmira R. R. R. Polim, Paulo Castro Bueno, Paulo da Cunha Nóbrega, Quintino Xavier Bocaiuva, Raphael Hallage, Regina E. T. de Mello, Renata Dierberger, Ricardo Lunardelli, Romeu Macruz, Rosa Maria Gaioso, Rosalina Coelho Lisboa, Rosário Avena



Figura 10 – Da segunda pessoa da esquerda para Direita: Clemente Pereira, Maurício Oscar Rocha e Silva, Henrique da Rocha Lima, Juvenal Ricardo Mayer, Otto Bier, José Reis.

Fonte: Centro de Memória IB

Saccá, Rubens Camacho, Rodolpho von Ihering, Rufino A. de Alencar, Sebastião Gonçalves Silva, Samuel da Silva Melo, Sidnei Almeida, Spencer Correia de Arruda, Svea Bárbara K. Mueller, Sylvio Franco do Amaral, Takao Namekata, Tauba G. Abuab, V. Victória Rossetti, Vanda Maria Malavolta, Vicente do Amaral, Waldemar Ferreira de Almeida, Walkíria B. C. Moraes, Walter Nazário, Walter Onofre Heinrich, Wilson Brandão Tóffano, Zeferino Vaz e Zuleide Alves Ramiro.

Foram também identificadas ilustrações científicas de Adolf Rheinboldt, Angelina Batistella, Lídia Russo, Pautilha, Raquel, Joaquim F. Toledo (Figura11), José I. Barbosa(Figura 12); documentos sobre doenças (Série malária, Série *Richettsia prowazekii* Clamidozoários, Cortes histológicos); fotografias da Fazenda Mato Dentro, pertencente ao Instituto Biológico, de dependências do IB (negativos), de paisagens (experimento), de paisagens (construção), foto de materiais com patologias em slides de vidro, fotos de exposições, de pés e grãos de café, de cortes histológicos, sanidade animal, de sanidade vegetal, de pesquisadores, dentre outras.

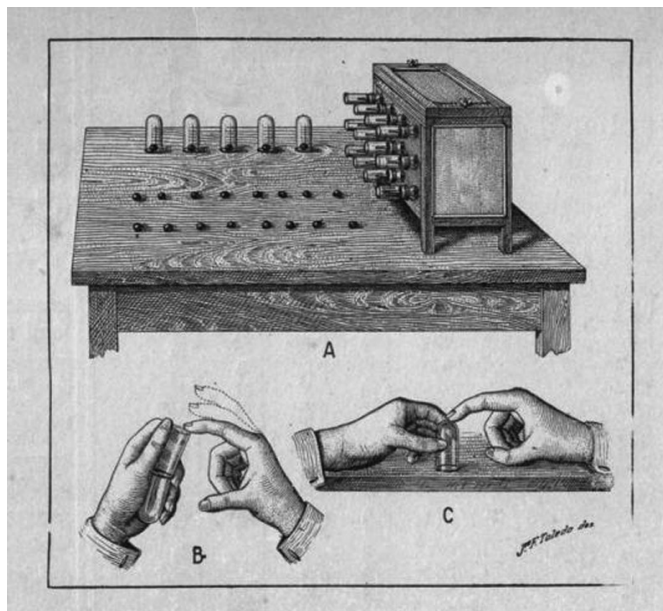


Figura 11 – Ilustração Joaquim F. Toledo

Fonte: Centro de Memória IB

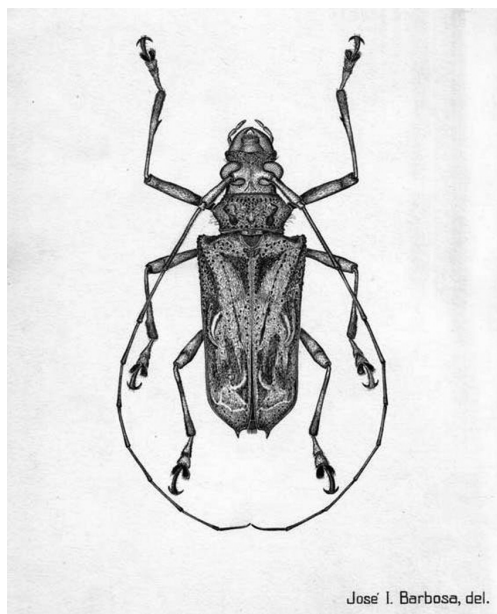


Figura 12 Ilustração José I. Barbosa

Fonte: Centro de Memória IB

Uma das prioridades do Centro de Memória é a disponibilização da informação ao público em geral e o usuário especializado, promovendo a multiplicação do conhecimento e o transferindo para a comunidade especializada. Visa também a comunicação técnica entre agentes detentores de arquivos, com a finalidade de assegurar a preservação contínua dos documentos.

O Instituto Biológico recebe pesquisadores de diversas áreas de história, biologia, jornalismo, arquitetura, medicina etc.; alunos de pós-graduação para a realização de suas teses de mestrado ou doutorado; historiadores que vem ao IB, de várias partes do Brasil, para identificar documentos que são objetos de seus estudos. Isso demonstra o quanto é importante para o conhecimento científico o restauro e a disponibilização de documentos institucionais para a cultura de nosso país.

O Centro de Memória do Instituto Biológico estabelece a semente de uma política institucional de arquivos e de um programa de gestão do patrimônio da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, fixando essa cultura em outras instituições dessa Secretaria que detêm uma série de documentos da cultura científica do País. O interessante nesse processo de identificação dos valores científicos e a sua disponibilização é que um novo paradigma se estabelece e outras instituições começam a identificar também seus valores e se abrem para esse apaixonante mundo da documentação científica.

O passado merece a consideração do presente e que no futuro, esse presente, seja um exemplo a ser seguido.

José Reis viu no passado o presente a ser seguido: *“Poder-se-ia dizer que há um componente estético no ato da documentação que, afinal, fixa aquilo que nos encanta”*.

Abaixo são apresentados alguns trabalhos publicados com o acervo documental do Centro de Memória do Instituto Biológico, das várias coleções, com destaque para Coleção Henrique da Rocha Lima, Coleção Arthur Neiva e Coleção José Reis.

Batista Filho A. As Reuniões Itinerantes de Fitossanidade do Instituto Biológico. *Páginas do Instituto Biológico, vol.1, n.1, 2005.*

D’Agostini S. *Organização da coleção de fotografias em suporte sobre papel para formação do acervo do Instituto Biológico.* São Paulo, (Monografia), 61p, 2001.

- D'Agostini S.; Vitiello N.; Rebouças MM. Coleções Históricas do Instituto Biológico: Série Ilustrações Científicas. *Páginas do Instituto Biológico*, vol.3, n.1, 2007.
- Ide S.; Martins JER.; Campos-Farinha AEC. de; Imenes SDL.; Yamakawa W. Coleção Entomológica “Adolph Hempel”. Instituto Biológico, São Paulo: História, Importância e Função. *Páginas do Instituto Biológico*, vol.1, n.1, 2005.
- Ribeiro MAR. História, Ciência e Tecnologia – 70 anos do Instituto Biológico de São Paulo na defesa da agricultura, 1927-1997, 1997. 284p.
- Rebouças MM. *José Reis – Aprender, tentando ensinar*. *Biológico*, São Paulo, v.64, n.2, p. 240-242, 2002.
- Rebouças MM. *Vicente do Amaral*. *Biológico*, São Paulo, v.64, n.2, p.241-242, 2002.
- Rebouças MM. Veridiana Victória Rosseti. Um grande nome no Brasil e no exterior, nas doenças dos citros. *Biológico*, São Paulo, v.61, n.1, p.79-83, jan./jun., 1999.
- Rebouças MM. & Bacilieri S. José Reis, vida e obra de um marco na divulgação científica. *Páginas Instituto Biológico*, v.1, n.1, jan./junh., 2005.
- Rebouças MM. Henrique da Rocha Lima – Um processo do conhecimento contemporâneo. I. *Páginas Instituto Biológico*, v.1, n.1, 2005.
- Rebouças MM.; Bacilieri S.; Batista Filho A.; Novaes EC.; Rosa EC. Instituto Biológico – Uma instituição que buscou procedimentos que viabilizaram a sua criação e sua efetiva estada no contexto atual do conhecimento científico I. *Páginas Instituto Biológico*, v.1, n.1, 2005.
- Rebouças MM. Medalha “Rocha Lima”. *Páginas do Instituto Biológico*, v.1, n.1, 2005
- Rebouças MM. & Bacilieri S. José Reis, Vida e Obra de um marco na divulgação científica. *Páginas do Instituto Biológico*, v.1, n.1, 2005.
- Rebouças MM. & Bacilieri S. Arthur Neiva: O Ideal acima de tudo. I. *Páginas do Instituto Biológico*, v.2, n.2, 2005.
- Rebouças MM. & Bacilieri S. Museu do Instituto Biológico. *O Biológico*, v.67, n.1/2, 2005.
- Rebouças MM. & Bacilieri S. Ada Leda Rogato, *O Biológico*, v.67, n.1/2, 2005.
- Rebouças MM. Agesilau Antonio Bitancourt. *O Biológico*, v.67, n.1/2, 2005.

- Rebouças MM. Pelo resgate da memória documental das ciências e da agricultura: o acervo do Instituto Biológico de São Paulo. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.13, n.4, 2006.
- Rebouças MM.; Vitiello N.; D’Agostini S.; Barbosa E.; Rosa EC. “Arquivos do Instituto Biológico”. 1928 a 2005, setenta e sete anos de trabalhos que inovaram o conceito científico. *Páginas do Instituto Biológico*, v.2, n.2, 2006.
- Rebouças MM. & Campos-Farinha AEC. De Ilustradores Científicos do Instituto Biológico: Uma contribuição para a ciência. Uma Contribuição para a Ciência nos Cafezais: A Campanha contra a Broca do Café em São Paulo (1924-1929). *Páginas do Instituto Biológico*, v.2, n.1, 2006.
- Rebouças MM.; Ollita PO.; Vitiello N.; Farah MS.; D’Agostini S. Henrique da Rocha Lima, Resgate de Documentos: A Ciência no Século XX e a sua permanência no século XXI. *Páginas do Instituto Biológico*, v.2, n.2, 2006.
- Rebouças MM. Romeu Macruz. *O Biológico*, v.68, n.1/2, 2006.
- Rebouças MM. Zuleide Alves Ramiro. *O Biológico*, v.68, n.1/2, 2006.
- Rebouças MM.; Barbosa E.; Farah MS.; Vitiello N.; D’Agostini S. José Reis - Documentos Demonstrativos da Popularização da Ciência, Fato concreto. *Páginas do Instituto Biológico*, v.3, n.1, 2007.
- Rebouças MM. & Basso LS. A saga de Henrique da Rocha Lima - *Rickettsia prowazeki* Rocha Lima 1916 - 20 anos de percalços. *Páginas do Instituto Biológico*, v.3, n.2, 2007.
- Rebouças MM. Nossa Gente em <http://www.biologico.sp.gov.br/> - 2008.
- Reis F. O caixeiro-viajante da ciência e outros 99 perfis – Pesquisa Bibliográfica. Impresso.
- Reis J. † José Reis, a vida que valeu a pena ser vivida porque deixou a terra profícuca para a semente germinar, e ela germinou. *Páginas do Instituto Biológico*, v.2, n.1, 2006.
- Silva AFC. & Rebouças MM. 2005. *Nascido* da tragédia: a broca do café e a criação do Instituto Biológico de São Paulo (1927). Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia. Sociedade Brasileira de História da Ciência (SBHC): www.mast.br/sbhc/inicio.htm, 10p.
- Silva AFC. Ciência nos Cafezais: A Campanha contra a Broca do Café em São Paulo (1924-1929). Tese de Mestrado – Instituto Oswaldo Cruz/ COC, 2006.

Vitiello N. & D’Agostini S. Linha do tempo do Instituto Biológico: um processo de construção da memória coletiva com a comunidade institucional. *Páginas do Instituto Biológico*, vol.3, n.2, 2007.

Vitiello N.; D’Agostini S.; Rebouças MM. Avanços científicos para o desenvolvimento da citricultura do Estado de São Paulo - ações do Instituto Biológico (1927 a 2007). *Páginas do Instituto Biológico*, vol.3, n.2, 2007.

Referências Bibliográficas

Acervo do Centro de Memória do Instituto Biológico

Falcão CF. Estudos sobre o Tifo Exantemático, Editora da Universidade de São Paulo, 1966, 596p.

Rebouças MM., Bacilieri S. Arthur Neiva: O Ideal acima de tudo - *Páginas do Instituto Biológico*, v.2, n.2, 2005.

Rebouças MM., Bacilieri S. José Reis, Vida e Obra de um marco na divulgação científica. *Páginas do Instituto Biológico*, v.1, n.1, 2005.

Reis F. O caixeiro-viajante da ciência e outros 99 perfis – Pesquisa Bibliográfica. Impresso.

Reis J. † José Reis, a vida que valeu a pena ser vivida porque deixou a terra profícuca para a semente germinar, e ela germinou. *Páginas do Instituto Biológico*, v.2, n.1, 2006.

Soares SM. José Reis em foco. *O Biológico*, v.57, nºs 1 e 2, jan./dez., 1995.

Anexo I

Decreto nº 46.088 de 15 de março de 1966

Adhemar Pereira de Barros, Governador do Estado de São Paulo, usando de suas atribuições legais:

Considerando que a obra de Rocha Lima, como pesquisador no campo da ciência médica experimental, realizada no Brasil e na Alemanha, em três grandes instituições de renome internacional, durante épocas diferentes, contribuiu extraordinariamente para o progresso do conhecimento humano das chamadas “doenças tropicais”;

Considerando que a descoberta e caracterização do agente etiológico do tifo exantemático, a *Rickettsia prowazekii*, por ele praticadas durante a Primeira Grande Guerra no ano de 1916, constituíram o ponto mais alto de tão brilhante carreira;

Considerando que o Instituto Biológico de São Paulo lhe deve em boa parte o alto prestígio de que veio gozar como centro de estudos especializados em patologia animal e vegetal;

Considerando que ao Poder Público compete realçar devidamente contribuições científicas para estímulo de gerações presentes e futuras,

Decreta:

Artigo 1º - Fica considerada de caráter cultural a medalha “Rocha Lima” criada pela Sociedade Paulista de História da Medicina, a fim de assinalar o próximo transcurso do cinqüentenário da descoberta e caracterização da *Rickettsia prowazekii* como agente etiológico do tifo exantemático.

Artigo 2º - Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Artigo 3º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio dos Bandeirantes, 15 de março de 1966

Adhemar Pereira de Barros

Jairo Cavalheiro Dias

Publicado na Diretoria Geral da Secretaria de Estado dos Negócios do Governo, aos 15 de março de 1966. Miguel Sansigolo, Diretor Geral, substituto.

Data de recebimento do artigo: 11/12/2008
Data de aprovação: 8/10/2009
Conflito de Interesse – Nenhum declarado
Fontes de Financiamento – FAPESP